

ENSAIO CRÍTICO LITERÁRIO

Leandro A. Rodrigues¹

Suponho que um escritor antes de mandar à edição um livro terminado, deve revestir-se com toda e qualquer armadura possível; deve preparar-se e fortalecer bastante sua auto-estima; deve capacitar-se psicologicamente e emocionalmente; tudo isso, simplesmente, para enfrentar os críticos.

Infelizmente, isto se deve: primeiro à nossa cultura, que não aprendeu ainda que as críticas existem apenas (ou deveria ser) para levar à perfeição aquilo que nos é apresentado; segundo, em virtude de certos “críticos”, que ainda não conseguiram descobrir que as palavras machucam mais que os atos e por isso não poupam metralhadas às obras, sem ao menos peneirarem seus artigos, sem colocá-los a ferro e a fogo para verem se edificam ou destroem.

Por isso, todas às vezes que empunho a caneta rumo a alguma matéria crítica, peço, conforme fazia **Camões**, o auxílio de *Caliope*, para que ela me dê o discernimento e, dessa forma, eu possa falar sobre coisas que edificam e, também, para que ela vede qualquer infeliz colocação. Não foi diferente quando me deparei com a necessidade de fazer um ensaio crítico-literário sobre “*Saudades do Século 20*”, escrito por **Ruy Castro**.

Devo dizer que o autor foi muito feliz ao concretizar esta obra, pois trata-se de um trabalho sério, muito instigante e deve ter sido (creio) muito prazeroso. A felicidade de Ruy Castro já pode ser ressaltada pelo título, pois “*saudades*” só sentimos das coisas ou pessoas boas, porque jamais ouvimos alguém, em sã consciência, dizer que sente saudades de momentos, fatos, pessoas que geraram um certo mal estar durante a convivência, afinal, desses momentos, fatos ou pessoas sentimos rancor ou simplesmente, não sentimos nada, porque muitas vezes sequer lembramo-nos.

Quanto à linguagem, Ruy Castro permanece com uma linguagem sóbria (digo permanece, em virtude de já ter lido “*Uma Estrela Solitária*”, também do autor), que preocupa-se principalmente em passar a informação e não em enriquecer os seus parágrafos com figuras, com rebuscamentos, com linguagem poética. Talvez, esse seja o fio da meada: querer passar a informação. Sendo assim, Ruy Castro utiliza-se de poucos adjetivos, porque o que é passado ao leitor é que o adjetivo em sua história pode ser contido e deve ser aspergido apenas sobre o protagonista, quando de fato for inevitável, uma vez que o centro de sua história são os fatos ocorridos, as situações influenciadoras. Porém, isto não quer dizer que ele passe apenas a mero registrador, pois, mesmo que, em esparsos momentos, Ruy Castro faz suas divagações e deixa impressa nas linhas do seu livro a sua opinião: “*talvez Billie não fosse tão bonita como as pessoas a viam e o que a embelezasse fosse o fato de ela ser Billie Holiday.*” (CASTRO, 1994: 17)

¹ Leandro A. Rodrigues é licenciado em Letras pela UCP (2001). É especializado em Literatura Infante-Juvenil pela UFRJ (2005) e Mestre em Educação pela UCP (2008). Trabalha como professor de Ensino Médio na Rede do Estado do Rio de Janeiro, desde 2006. É professor e coordenador do Seminário e Educandário Diocesano Nossa Senhora do Amor Divino em Petrópolis, desde 2002. E, é professor e coordenador do Curso de Letras da UCP, onde também é coordenador da Escola de Idiomas, desde agosto de 2008.

O autor ainda possui uma característica, talvez ausente em muitos escritores, isto é, um humor refinado, que não chega a atingir o “mal gosto”, em virtude de ser tênue e breve, muitas vezes, sendo até imperceptível:

Talvez seja um século composto de vários séculos - e cada qual escolhe o século 20 que preferir. Bem, o século 20 deste livro passa-se mais ou menos entre 1920 e 1926, e seus personagens são cantores, músicos, atores, escritores e cineastas, todos americanos - inclusive o inglês Hitchcock e o vienense Billy Wilder. O fato de serem americanos é só um detalhe técnico: o que essas pessoas produziram passou a fazer parte do patrimônio afetivo e cultural de todos nós. (Idem, 12)

Mas, o fato principal em “Saudades do Século 20” é a questão intimista que Ruy Castro passa ao leitor, como se este fosse um ouvinte prazeroso de uma história narrada informalmente e com muito requinte, em horas agradáveis, tendo como testemunha a mesa de um bar. Talvez esta naturalidade, este diálogo com o leitor é que o torne um livro gostoso e não arrastado.

Referência Bibliográfica:

- CASTRO, Ruy – *Saudades do Século 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 318p.

Petrópolis. fevereiro de 2000. –